

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

MÁYRA LARISSA ANJOS

História e Literatura: a arte como dispositivo para a apreensão do real. A história do México sob o governo de Lázaro Cárdenas a partir do romance escrito por Rosario Castellanos, Balún-Canán (1957).

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE BACHARELADO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA**

**SÃO PAULO
2020**

MÁYRA LARISSA ANJOS

História e Literatura: a arte como dispositivo para a apreensão do real. A história do México sob o governo de Lázaro Cárdenas a partir do romance escrito por Rosario Castellanos, Balún-Canán (1957).

Projeto de pesquisa para mestrado, apresentado à Banca Examinadora do Programa de Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para consecução do título de Bacharel, sob a orientação da Profª Dra. Yvone Dias Avelino.

SÃO PAULO

2020

MÁYRA LARISSA ANJOS

Projeto de pesquisa para mestrado, apresentado ao programa de graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para consecução do título de bacharel, orientado pela professora dra. Yvone Dias Avelino.

Aprovado em _____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Prof.

Sumário

Apresentação	5
Justificativa	9
Objetivos	11
Discussão metodológica das fontes	11
Bibliografia apontada e fontes	11
Cronograma	12
Desenvolvimento	13
Contexto: o “milagre mexicano”	13
O pós guerra: relação com os Estados Unidos.....	15
Literatura feminina mexicana.....	16
Lázaro Cárdenas: biografia e governo	17
Balún-Canán	23
Rosario Castellanos Figueroa: vida e obra	29
Bibliografia	33

ANJOS, Máyra Larissa. História e Literatura: a arte como dispositivo para a apreensão do real. A história do México sob o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) a partir do romance escrito por Rosario Castellanos, Balún-Canán (1957). 2020. Projeto de pesquisa para mestrado. Graduação em História, Bacharelado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2020.

APRESENTAÇÃO

Os livros de ficção costumam ser entendidos como veículos de fantasias que narram histórias e acontecimentos irreais e, assim sendo, não poderiam, portanto, oferecer a um historiador informações importantes para se pensar os processos históricos de uma época.

No entanto, enxergar a literatura dessa forma, constitui uma visão limitada que ignora o seu potencial enquanto fonte histórica, pois é nas entrelinhas de suas ficções que o historiador é capaz de fazer emergir as visões de determinados grupos da sociedade a partir da própria visão do autor (os estudos bakhtinianos destacaram o caráter dialógico da literatura, estando nela presentes diversos pontos de vista, até mesmo divergentes aos do autor da obra) bem como os desejos latentes do período, os medos, as paixões, as tensões sociais, em suma: os indícios de processos históricos.

Peixoto (2011), em seu artigo “*Saberes e sabores: ou conversas sobre história e literatura*” escrito para a Revista História e Perspectivas, afirma que a literatura nos traz “*as possibilidades não realizadas*” e é em cima delas que o historiador pode, através de um método estabelecido, transformar a ficção em instrumento para a apreensão do real. Evidencia-se, assim, a importância da literatura como objeto e fonte. (PEIXOTO, 2011 p.15-33).

A pesquisadora e professora do departamento de história da PUC-SP, Yvone Dias Avelino, ressalta que é necessário encarar a literatura não como reflexo, mas como refração da realidade, quando afirma: “A arte não reproduz a realidade exterior, mas a transforma, exprimindo o que nela está reprimido ou latente” (AVELINO, 2009)

A arte, e a literatura como uma de suas expressões, exagera, dramatiza, satiriza e falsifica os acontecimentos, mas não deixa de conter verdades em si. Ela constrói representações do mundo que menos importa ao historiador, a sua compatibilidade ou não, com o real do que o imaginário, e as perguntas de uma época ali registradas.

Para Jobim e Souza (2012, p.14), a literatura é capaz de revelar “verdades” que o conhecimento tradicionalmente tido como científico não alcança penetrar. Portanto, ao tomar obras literárias como objeto e fonte, o pesquisador busca recuperar indícios do universo simbólico e da imaginação coletiva, uma vez que está encerrada nessa imaginação, não só as imagens que a sociedade faz de si mesma, como também as imagens que faz do outro.

No texto literário, o que retém a atenção do historiador é a forma como as representações estão elaboradas e a maneira como se escolheu para recriar a realidade que muitas vezes difere dos acontecimentos da vida real, mas que simbolizam os desejos não consumados.

De acordo com Barthes (2013), a língua nos obriga a dizer, o que a faz assumir um caráter fascista, tornando-se necessário encontrar maneiras de trapaceá-la. Em sua

visão, é justamente a Literatura que é capaz de libertar a linguagem e, dessa maneira a História, pois, como ele também afirma, “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa.” (BARTHES, 2013, p. 19).

Assim sendo, descortina-se para o historiador um mundo de possibilidades, onde basta que se escove a história a contrapelo para vir à tona a história dos vencidos que não está registrada na história oficial. Para Benjamin (2013), é necessário buscar nas ruínas da história os anseios não concretizados para ouvir o que o passado tem a dizer em sua polifonia, muito além de um único discurso. A partir disso é que será possível desarticular a noção de vencedores e vencidos (BENJAMIN, 2013, p.18-19).

O presente trabalho, fundamentado nas do filósofo alemão Walter Benjamin (2013) e das historiadoras Maria do Rosario da Cunha Peixoto (2011) e Yvone Dias Avelino (2009), objetiva pensar a história recente do México, mais precisamente entre as décadas de 1930 e 1950, tendo como fonte histórica o romance *Balún-Canán* (na língua Tzetal significa “região das nove estrelas” ou “região dos nove guardiões”), escrito em 1957 pela escritora Rosario Castellanos Figueroa.

Nascida na Cidade do México em 1925, Castellanos teve a vida marcada pelo que chama de “dupla condição”: ser mulher e ser mexicana. Autora de mais de 500 ensaios e artigos para jornais, livros de contos, poemas, e romances; é na obra *Balún-Canán* que a história de sua vida se mistura com a de sua personagem quando, ainda muito pequena, seus pais a levaram para morar em Comitán, na região de Chiapas, local em que teve intenso contato com a cultura e o modo de vida dos povos indígenas da região, presenciando as desigualdades e violências sofridas por essa população.

Foi por meio de “nana”, sua babá, que conheceu histórias e contos indígenas, os quais contribuíram e influenciaram diretamente na sua escrita, sendo o misticismo e o sincretismo temas marcantes em suas novelas. Ao se relacionar com esses indivíduos marginalizados, Castellanos identificou-se, notando semelhanças entre a exclusão sofrida pelos indígenas e a exclusão e opressão vivenciada pelas mulheres na sociedade mexicana da época.

Muito atenta a essas desigualdades, a escritora fez desses dois temas o elemento central de suas obras. Graduada em Filosofia pela Universidade Nacional Autónoma do México, em 1950, com a tese “Sobre cultura feminina”, começou a escrever, dando início a sua carreira literária. Entre os anos de 1956 e 1957 trabalhou no Centro Coordenador do Instituto Indigenista de San Cristóbal de Las Casas, é então nesse período que, influenciada pelo escritor e amigo Emilio Carballido, ela escreve a novela *Balún-Canán*.

Na trama, sob a ótica de uma garotinha de 7 anos, é narrado o conflito entre índios e brancos durante o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940), na região chiapaneca de Comitán. Com fortes traços autobiográficos o romance traz ainda a problemática de gênero e a opressão vivida pelas mulheres daquele contexto. De maneira simbólica, a personagem principal não tem nome, chamada apenas de “la niña” durante todo o enredo. Enquanto lida com a rejeição e a negligência dos pais, la niña vê o irmão mais novo, Mário, ser o centro das atrações; aquele que dá sentido à vida da mãe, pois pariu um “varón”, e ser o predestinado a tomar conta dos bens da família no futuro.

Assim como na trama, o mesmo aconteceu com Castellanos: o irmão mais novo da escritora morreu ainda criança devido a um acidente, levando-a ao total abandono e desprezo por parte dos pais que lamentavam pela perda do filho homem e a culpavam por estar viva.

No que se refere a história do México, durante a presidência do General Lázaro Cárdenas, entre os anos de 1934 e 1940, os historiadores são unânimes em ressaltar a importância desse governo. A produção historiográfica sobre o tema é abundante, havendo inclusive duas principais correntes dessa historiografia: a clássica e a revisionista. O debate gira em torno das continuidades e das rupturas da administração de Cárdenas, levando-se em conta a Revolução Mexicana.

Na interpretação clássica, o governo de Cárdenas representou uma continuidade da Revolução Mexicana com genuínos aspectos populares e agraristas, sendo considerado o herói nacional que enfrentou os Estados Unidos. Tannenbaum (1950), um dos primeiros estudiosos estrangeiros do tema defendeu essa visão em seu livro *Mexico, the struggle for peace and bread*. Outro nome importante dentro dessa linha interpretativa é o mexicano Jesus Silva Herzog, que escreveu *Breve Historia de la Revolución Mexicana* em 1960. De acordo com Silva (2009, p.8), pesquisador brasileiro, Herzog está entre os autores que possuem as obras mais combativas produzidas sobre o tema.

É possível ainda, citar, dentro dessa corrente historiográfica os trabalhos de William Townsend *Lázaro Cárdenas, Mexican Democrat* e Joe C. Ashby com *Organized Labor and the Mexican Revolution under Lázaro Cárdenas*.

A partir da década de 1960 revisões críticas do cardenismo começaram a ser realizadas. Questionava-se a imagem mítica designada ao ex-presidente Lázaro Cárdenas, ao mesmo tempo em que surgia um revisionismo da própria Revolução Mexicana, em que o caráter popular da Revolução era posto em dúvida, e as bases sociais da insurreição eram contestadas. O principal nome ligado ao revisionismo é Arnaldo Córdova.

De perspectiva marxista, Córdova (1972) defende que nada teve de popular o governo de Lázaro Cárdenas, ao contrário, as continuidades presentes em sua administração, na verdade, diziam respeito à manipulação das massas, e o Estado caracterizava-se pelo paternalismo. Para ele, a Reforma Agrária realizada por Cárdenas foi apenas um “*simples instrumento de manipulação das massas campesinas*” e o reformismo social tinha como objetivo a dissolução de resistências contra o governo (CÓRDOVA, 1972, p.58).

Para Knight (1994), há dois tipos de revisionismo: I) o de Córdova estaria classificado no revisionismo estadista onde o que se enfatiza é o fortalecimento do Estado; nessa abordagem os operários e camponeses são deixados de fora dos processos políticos. Chávez (1979), em *La mecânica cardenista*, chega a negar a pressão exercida pelos camponeses no governo, e Cárdenas é classificado como populista ou demagogo. Na concepção de Knight, foi a partir de Córdova que se originaram trabalhos onde Cárdenas é colocado ao lado de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. II) o revisionismo frouxamente marxista encara o Estado como representante, unicamente, dos interesses da burguesia, sendo um instrumento para o desenvolvimento capitalista. Nesse sentido, as políticas sociais instauradas por Lázaro Cárdenas tinham como intuito, apenas, a cooptação dos movimentos populares e seu mandato significou o impedimento da autonomia proletária, da democracia e, conseqüentemente, da realização de uma real revolução (KNIGHT, 1994, p.73-107).

Os trabalhos revisionistas da Revolução e dos governos pós-revolução dominaram as tendências historiográficas mexicanas até cerca dos anos 1990, contudo, suas principais ideias reverberam até o presente. Becker (1995), em sua obra, por exemplo, é possível enxergar os ecos do revisionismo na ideia de manipulação política nos discursos presidenciais de Cárdenas.

Mesmo não constituindo uma maioria, novas propostas têm aparecido. A revisão do revisionismo é possibilitada pelos estudos da nova história social e cultural. Os enfoques são menos abrangentes e, assim, trazem novas abordagens da história local em diálogo com sínteses do período. Prioriza-se, dessa forma, a elaboração da história de determinados grupos sociais e não só os grupos dominantes.

Mark Gilderhus aponta que os trabalhos surgidos recentemente priorizam os microcosmos, e, dessa maneira, questões raciais, regionais e de gênero são abordadas. A partir da ideia de que os períodos pós revolução podem ser dissociados, não constituindo um processo uno, diferentes momentos são tratados e fala-se, por tanto, de múltiplas revoluções e não de apenas uma, como afirma Falcón Veja (1978): “*cada una con sus diferentes raíces, protagonistas, ideales, alcances y enemigos*” (FALCÓN VEGA, 1978).

Entre os que propõe a necessidade de um reexame do revisionismo estão: David C. Bailey, que traz essa ideia em “*Revisionism and the Recent Historiography of the Mexican Revolution*”. Para Catherine Héau Lambert e Enrique Rajchenberg a premência da revisão justifica-se uma vez que as explicações da Revolução foram reduzidas a uma dualidade simplista de embate frontal de uma classe contra a outra, passando-se por cima de uma variedade de situações de classe e de especificidades (HÉAU LAMBERT; RAJCHNBERG, 1992, p. 187). Falcón Vega em 1985, já alertava: “[...] se siente ya la necesidad de revisar el revisionismo y de crear una nueva imagen totalizadora que englobe las aportaciones hechas en los últimos años. Seguramente, la nueva síntesis implicará recuperar parte importante del legado de los clásicos”. (FALCÓN VEGA, 1985)

Para Hamilton (1982), reduzir a administração de Cárdenas a um instrumento de desenvolvimento do capitalismo constitui uma análise rasa que além de não enxergar os agraristas e operários como sujeitos políticos capazes de exercer pressões no governo, também não leva em consideração as complexidades sociais e políticas do período.

Adolfo Gilly e Fernando Benítez defendem que o cardenismo foi a negação do callismo, que quebrou com o tom da década de 1920 sob o controle de Plutarco Elías Calles, promovendo o retorno da Revolução Mexicana.

Na concepção de Camín e Meyer (2000), Lázaro Cárdenas foi o último presidente mexicano a governar de acordo com o que pedia a Revolução Mexicana. Na opinião de Meyer, as alegações que qualificam o governo de Cárdenas como populista são problemáticas na própria origem e definição da palavra populismo. Para ele, é possível que se chegue a falar de uma espécie de populismo de esquerda, sem a conotação negativa do termo.

Knight (2015) vê o cardenismo como uma proposta genuinamente radical que contou com o suporte popular, mas que teve suas práticas políticas limitadas.

No Brasil, a produção acerca do Cardenismo é reduzida. Vale, portanto, citar as dissertações de mestrado de Ival de Assis Cripa “*O Vento das Reformas: Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana*” e de Rafael Pavani de Silva, “*A Revolução Mexicana e as Tentativas de Legitimação do Poder nos Discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*”, que analisaram os discursos de Cárdenas.

No que se refere ao uso das obras literárias de Rosario Castellanos para realização de investigações acadêmicas, no Brasil, verifica-se um pequeno número de trabalhos realizados na área de literatura dos cursos de Letras. Destaca-se a tese de doutorado “Um diálogo entre Balún-Canán e Los Ríos Profundos” de Tereza Cristina Filippo, pela Universidade Federal Fluminense, escrita em 2008. Filippo busca estabelecer

semelhanças entre o livro de Rosario Castellanos e o de José Maria Arguedas no que diz respeito à destruição social e cultural dos povos indígenas, bem como defende a importância das experiências pessoais dos dois autores para a constituição de seus posicionamentos.

No México, logicamente a quantidade de estudos sobre a produção de Castellanos é maior, não se restringe a área da Literatura, estando presente, sobretudo, nos estudos de gênero. María Ofelia Badillo García em sua tese de mestrado *“Horizonte de Silencio: la poetica de la feminidad en la obra de Rosario Castellanos”* analisa a obra poética de Castellanos a partir de uma metodologia psicanalítica, para pensar os possíveis vínculos entre a vida pessoal de Castellanos e sua poesia, estudando o contexto social com ênfase na problemática de gênero. Se sobressai, também, a tese de Jo-Ann Miller publicada em 1972 pela UNAM *“La problemática de la mujer em Rosario Castellanos.”*

O projeto é resultado do desejo de utilizar a literatura como fonte histórica. A partir da realização do seminário para a disciplina de América III, ministrada no primeiro semestre de 2019, pela Profª Drª Yvone Dias Avelino, no curso de História Bacharelado da PUC-SP, cujo tema foi o livro *“O General em seu Labirinto”*, do escritor colombiano Gabriel García Marquez, foi possível, junto à professora, compreender e se aprofundar nas múltiplas formas de trabalhar a Literatura junto à História. Emergindo o desejo de associar uma obra fictícia à pesquisa de um determinado período da história do México, mais precisamente o período em que esteve na presidência o general Lázaro Cárdenas. Em seu governo importantes reformas foram realizadas, sobretudo, a nacionalização do petróleo em 1938 e a reforma agrária, que constituiu a principal política de seu governo.

JUSTIFICATIVA

A pesquisa aqui proposta se difere pela abordagem do tema. Partir da literatura para pensar os processos históricos, as especificidades dos grupos sociais presentes na obra - no caso, as mulheres e os homens indígenas de Comitán, as mulheres brancas da classe média da região e as crianças – e os efeitos das ações tomadas pelo governo, sob a presidência do general Lázaro Cárdenas nesses grupos, possibilitando-nos uma percepção privilegiada do imaginário social, além de analisar as questões levantadas em suas particularidades.

Conclui-se que, ao tratar do tema por meio de fontes distintas das que já foram tomadas até então, a possibilidade de resultados inéditos surge expressivamente. Assim como a possibilidade de fazer emergir histórias não contadas de grupos de indivíduos socialmente marginalizados que, comumente, são deixados de fora dos discursos e das versões da história oficial. A pesquisa, portanto, apresenta seu potencial de contribuir para a história da América Latina e de seus povos.

Por vezes a representação da infância tanto no cinema como na literatura pode ser feita de uma forma caricata e infantilizada, no entanto há também as obras que abordam a infância em sua profundidade, como o próprio Balún-Canán, e apresentam crianças sujeito, que não compreendem o mundo da mesma forma objetiva que os adultos, mas não deixam de sentir e de serem afetadas pelos acontecimentos que as rodeiam, experimentando o mundo a partir de uma outra visão, com uma sensibilidade exclusiva.

Dessa maneira, as escolhas metodológicas para tratar tal assunto demandam particular atenção, para que se evite incorrer no risco de olhar para a infância representada na arte como mero dispositivo tolo, mera escolha narrativa e, mais preocupante, olhar as

crianças como simples personagens ingênuas, que não carregam em si nenhuma sabedoria, incapazes de serem testemunhas oculares.

Os trabalhos de Walter Benjamin sobre a infância e sobre a teoria da linguagem oferecem magnífico aporte aos que estudam e desejam pensar a Literatura e a infância, assim como seus escritos sobre a História que são de inestimável valor teórico para os historiadores. Diante do exposto, o presente estudo baseia-se, sobretudo, nos conceitos citados do filósofo alemão. Entende-se que, para uma boa compreensão das representações criadas pela escritora Rosario Castellanos em Balún-Canán, seja da sociedade mexicana, do governo de Lázaro Cárdenas ou da marginalização das mulheres e dos indígenas é preciso avaliar a protagonista por ela criada, no caso, uma criança de 7 anos de idade, “La niña”.

À investigação da infância une-se a da linguagem e, dada a profundidade dos assuntos, os trabalhos do psicólogo Lev Vygotsky e do filósofo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, ambos nascidos na Rússia, tornam-se essenciais. Com Vygotsky é possível pensar a infância e a psicanálise na apreensão do real, como a sociedade que cerca a criança participa diretamente de seus processos de elaboração de si e do mundo. Bakhtin e seu importante conceito de Dialogismo, surge nesse trabalho como aporte para a reflexão acerca da linguagem e da literatura, em diálogo direto com as concepções de Walter Benjamin.

A pesquisa apoia-se também nas ideias de Roland Barthes acerca da língua, assim como de Stuart Hall sobre os símbolos, a cultura e as representações. Compreende-se que, além da necessidade de refletir sobre a língua, a linguagem e a infância, é preciso suporte teórico para pensar as representações, logo, Roger Chartier é tomado como referencial. Por último, e não menos importante, o conceito de *micro-história* inaugurado com Carlo Ginzburg em *O Queijo e os Vermes* é tomado visando a construção de uma narrativa histórica acerca dos acontecimentos do México de Cárdenas que são puxadas como um fio que se desvela a partir da história de um indivíduo, que no caso em particular trata-se de uma personagem ficcional.

As obras dos teóricos acima mencionados servirão como bússola na realização da atual pesquisa, porém é importante ressaltar que os trabalhos de outros pensadores tais como Nestor Garcia Canclini, Beth Miller, Hector Aguilar Camín, Lorenzo Meyer, Ecléa Bosi, Jacques Le Goff, Paul Ricoeur, Jeanne Marie Gangnebin, Alan Knight, Peter H. Smith entre outros, que tratam de assuntos como a história da América Latina, história e Revolução mexicana, memória, literatura, governo e biografia de Lázaro Cárdenas, vida de Rosario Castellanos e a cultura latino-americana, serão utilizados, conforme consta na bibliografia apontada para a realização do mestrado.

A escolha pelo livro Balún-Canán, de Rosario Castellanos, justifica-se em seu conteúdo, que traz a narrativa a partir da ótica de uma criança sobre os conflitos entre brancos e indígenas no sul mexicano. A narrativa concentra-se na visão de grupos marginalizados, as crianças, as mulheres e os indígenas, possibilitando, como deseja Walter Benjamin, escapar dos discursos oficiais e da obviedade, para a investigação das experiências desses indivíduos bem como a visão destes e da própria autora. Soma-se a isso, a própria vida de Castellanos, que refletiu através de suas obras o local destinado na sociedade a esses grupos.

OBJETIVOS

O objetivo geral, da pesquisa proposta, constitui-se por analisar criticamente o governo de Lázaro Cárdenas no México, da década de 1930, sobretudo a Reforma Agrária por ele promovida, além da forma como suas políticas foram sentidas pela população da época e a maneira como ficou inscrita na memória social nas duas décadas seguintes.

Um dos objetivos específicos dessa investigação é fazer da Literatura um instrumento para a pesquisa histórica bem como examinar a relação entre História e Literatura, memória e pensar a infância, logo são os objetivos secundários da Pesquisa.

DISCUSSÃO METODOLÓGICA E DAS FONTES

Serão tomadas como fontes o livro Balún-Canán (1957) de Rosario Castellanos, os diários de Lázaro Cárdenas, documentos referentes a seu governo presentes no Arquivo do Instituto Nacional de Antropologia e História do México, e jornais e revistas que estiveram em circulação no México no período que vai de 1934 a 1959. Pretende-se analisá-las em conjunto, comparando e cruzando informações entre si e em relação com a bibliografia de autores clássicos na historiografia mexicana bem como autores mais recentes que, pertencentes a linhas historiográficas distintas, pensam a história do México durante a presidência do General Lázaro Cárdenas e seus significados e efeitos.

Aponta-se os inestimáveis trabalhos de Alan Knight, Lorenzo Meyer e Héctor Aguilar Camín. Para trabalhar a relação História e Literatura as contribuições de Paul Ricoeur, de Maria do Rosário da Cunha Peixoto e de Yvone Dias Avelino serão as principais a serem utilizadas.

Toma-se por base o conceito de História elaborado pelo filósofo alemão Walter Benjamin, seus trabalhos sobre a Literatura, infância e a teoria da linguagem. Ainda para pensar a língua e a linguagem Mikhail Bakhtin e Roland Barthes serão as referências primárias. Acerca das representações, os trabalhos do historiador Roger Chartier serão considerados, assim como os de Carlo Ginzburg para pensar seu conceito de micro história.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

Fontes:

Livro Balún-Canán.
CASTELLANOS, Rosario. Balún-Canán. 2ª Edição. 6ª Reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

Diários de Lázaro Cárdenas del Río. Arquivo do Instituto Nacional de Antropologia e História do México (INAH).

Documentos referentes ao período da presidência de Lázaro Cárdenas presentes no Arquivo do Instituto Nacional de Antropologia e História do México (INAH).

Jornais e revistas em circulação no México entre os anos de 1934 a 1959.

Bibliografia apontada para a realização do mestrado:

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Os gêneros do discurso.** 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem.** 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Linguagem, tradução, literatura: filosofia, teoria e crítica.** 1ª Edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.

_____. **Passagens.** 1ª Edição. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2018

CASTELLANOS, Rosario. **El mar y sus pescaditos.** 3ª Edição. Cidade do México, México: Fondo de Cultura Económica, 2017.

_____. **El uso de la palabra.** 1ª Edição. México Editores Mexicanos Unidos, 1982.

_____. **Meditación en el umbral.** 1ª Edição. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

_____. **Oficio de tinieblas.** 5ª Edição. México: Fondo de Cultura Económica, 2017.

CHARTIER, Roger. **A força das representações: história e ficção.** 2ª Reimpressão. Chapecó, SC: Argos, 2011.

DE CERTEAU, Michel. **História e psicanálise: entre ciência e ficção.** 2ª Edição. Belo Horizonte, MG, Autêntica Editora, 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin.** 2ª Edição – 5ª Reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JOZEF, Bella. **O espaço reconquistado.** 1ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1974.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** 12ª Edição. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2016

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin, aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história.** 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2005.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa vol.2: A configuração do tempo na narrativa de ficção.** 1ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Popol Vuh: o esplendor da palavra antiga dos Maias-Quiché de Quauhtlemallan: aurora sangrenta, história e mito. 1ª Edição. São Paulo, Ubu, 2019.

CRONOGRAMA

O projeto será desenvolvido a partir de reuniões com a orientadora, viagem ao México para consulta ao arquivo do Instituto Nacional de Antropologia e História, e análises das fontes e da bibliografia. Seguindo de acordo com as indicações abaixo:

- 1- Leitura da fonte e da bibliografia: de agosto a dezembro.

- 2- Ampliação e leitura da bibliografia, formatação de metodologias, produção de texto e viagem ao México para consulta e levantamento de fontes no arquivo do Instituto Nacional de Antropologia e História: de janeiro a julho.
- 3- Cruzamento de fontes, produção de textos sobre a pesquisa e preparação para o exame de qualificação: de agosto a dezembro.
- 4- Revisão dos capítulos, conclusão e apresentação da dissertação: de janeiro a julho.

DESENVOLVIMENTO

Contexto: o “milagre mexicano”

Embora o romance de Castellanos se passe durante o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940), o livro fora escrito no ano de 1957, uma outra linha de temporalidade, tornando necessária a análise deste período para uma melhor compreensão da representação construída pela autora. Na década de 1950, o México vivia o que é chamado pelos historiadores de “milagre mexicano”, período entre 1940, com o início do governo de Manuel Avila Camacho, e 1968, ano em que o México se viu mergulhado em uma forte crise política e social sob o governo de Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970).

De acordo com Héctor Aguilar Camín, diretor de Estudos Históricos do Instituto Nacional de Antropologia e História (INAH); e Lorenzo Meyer, coordenador do Programa de Estudos Mexicano-americanos no Colegio de México, nesse intervalo de tempo experimentou-se no país uma estabilidade política e crescimento econômico expressivo.

A consolidação do presidencialismo e o encolhimento do poder tradicional da Igreja e do Exército foram fatores determinantes para os anos de equilíbrio político, assim como o controle do movimento operário e a cooptação de parte dos sindicatos pelo Estado. Com o início do governo de Avila Camacho, em dezembro de 1940, o setor militar do Partido da Revolução Mexicana, PRM, se desfez, o exército revolucionário se profissionalizou e subordinou-se institucionalmente ao chefe do Poder Executivo. O mandato seguinte, de Miguel Alemán (1946-1952), foi o primeiro após a Revolução a ter um civil na presidência, realidade vivida até hoje no país que, desde então, elege para o cargo, exclusivamente, não-militares.

Após a instabilidade causada pela crise do século XIX e os anos da Revolução, o governo mexicano, a partir de 1940, teve como objetivo recuperar o tempo perdido para a valorização do capital nacional. Estabeleceu-se como meta, então, a industrialização do país a partir da substituição de importações. Para tanto foram criadas complexas barreiras tarifárias. As exportações de matérias-primas ganharam força a partir do ano de 1942, gerando os recursos necessários para a compra no exterior de equipamentos modernos para as fábricas, no entanto os países da Europa e os Estados Unidos, de onde viriam esses equipamentos, encontravam-se em meio aos esforços bélicos gerados pela Segunda Guerra Mundial e não foram capazes de fornecer tudo o que, na época, o México tinha condições de obter.

Dessa forma, o país logrou criar um parque industrial, mas com apenas um relativo grau de modernidade.

A partir da industrialização, os governos passaram a dar maior atenção a questão do nível de intervenção direta do Estado na produção econômica, pois entendia que para gerar uma valorização expressiva do capital nacional era preciso, junto a industrialização,

construir um setor comercial e financeiro mexicano.

A certeza que dominava era a de que ao Estado ficaria reservado as tarefas de criação e manutenção da infraestrutura, durante o governo de Miguel Alemán Valdés (1946-1952) registrou-se grande investimento na construção de estradas e em obras de irrigação, o que representou 22% do orçamento federal (CAMÍN; MEYER, 2000, p.223).

Além do investimento em infraestrutura, entendia-se que o Estado devia buscar intervir o mínimo possível na produção direta, atuando apenas nos mercados que a empresa privada não desejasse atuar. A combinação desses fatores levou ao que foi chamado de “economia mista”. Os investimentos públicos, dessa maneira, representaram apenas um terço dos investimentos totais a partir da década de 1940.

O governo entendia que, para gerar uma valorização expressiva do capital nacional era preciso, junto a industrialização, construir um setor comercial e financeiro mexicano. Verificou-se uma mudança estrutural na economia do país, a industrialização desencadeou uma mudança no centro das atividades e da tomada de decisões que passou do campo para a cidade, com destaque a capital do país, Cidade do México:

Em 1940, a agricultura representava em torno de 10% da produção nacional; em 1977, representava 5%. As manufaturas por sua vez, passaram de pouco menos de 19% para mais de 23%.¹

A produção nacional entre as décadas de 1940 e 1960 cresceu 3,2 vezes, a economia, de fato, se mexicanizou, a ponto da classe burguesa se tornar uma burguesia industrial cada vez maior e mais consolidada. As fileiras do proletariado e da classe média também cresceram, para se ter ideia da explosão demográfica durante o período abordado, basta mencionar que no ano de 1940 o país tinha uma população de 19,6 milhões de habitantes e no início da década de 70 mais de 48 milhões de habitantes.²

A classe média que durante o porfiriato era quase que inexistente (segundo cálculos realizados em 1951 por José Iturriaga, essa classe representava apenas 8% da população) praticamente duplicou por volta da década de 1960 (CAMÍN; MEYER, 2000, p.148).

É importante ressaltar que para entender tamanho crescimento, deve-se levar em consideração a melhora nos níveis de saúde: a mortalidade infantil caiu, no ano de 1951, de acordo com dados disponibilizados pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe da ONU, a taxa de morte para mil habitantes nascidos vivos era de 170,0% e no ano de 1968 essa taxa era de 81,7% para cada mil habitantes nascidos vivos;³ e a expectativa média de vida aumentou, de 41,5 anos na década de 1940 para 60 anos na década de 1970, de acordo com levantamento oficial⁴.

¹ CAMÍN, Hector Aguilar. MEYER, Lorenzo. À Sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

² INEGI. Censos y Conteos de Población y Vivienda. Disponível em> <https://www.inegi.org.mx/temas/estructura/>

³ CEPAL disponível em> <https://estadisticas.cepal.org>

⁴ Instituto Nacional de Estadística y Geografía. INEGI, México. Disponível em> <https://www.inegi.org.mx/>

Segundo Camín e Meyer (2000, p.84), junto ao crescimento demográfico e ao desenvolvimento econômico, o processo de urbanização se intensificou, registrando um crescimento anual em torno de 6% no período mencionado, muito acima do que estimava o governo na época, o que, inclusive, dificultou a estruturação de políticas capazes de responder à demanda dos grandes aglomerados urbanos.

Com todas essas mudanças o México viu surgir um poderoso setor bancário, o crescimento da atividade econômica foi quase o dobro do crescimento demográfico, o que demonstra a expressividade desse desenvolvimento.

O pós-guerra: relações com os Estados Unidos

Com a Segunda Guerra Mundial, a influência dos Estados Unidos sobre o México tomou força. Eram necessárias soluções fáceis e rápidas o que possibilitou a resolução de muitos dos problemas pendentes entre os dois países.

A questão da dívida externa foi finalmente resolvida após as quantias e termos do pagamento para as empresas de petróleo estadunidenses expropriadas em 1938 ter sido acertada, em condições favoráveis ao México.

O estabelecimento definitivo dos Estados Unidos como a primeira potência mundial facilitou a inserção do México nas transações internacionais que antes desse período encontravam-se fortemente abaladas. Os conflitos com os países europeus e o vizinho do norte diminuíram e se alteraram. As relações com a Grã-Bretanha, que se encontravam rompidas desde a expropriação do petróleo em 1938, foram retomadas. No governo de Adolfo López Mateos (1958-1964) as relações econômicas e políticas com o Japão e os países da Europa Ocidental foram revitalizadas.

No entanto, para a legitimação do governo era preciso a manutenção de um dos valores da Revolução: o nacionalismo e, assim sendo, o país buscou manter uma mínima distância dos Estados Unidos e uma independência em relação a ele. O que se verificou, por exemplo, na decisão de não romper as relações com Cuba e na defesa do princípio da não-intervenção.

Mesmo estando, inevitavelmente, ao lado dos Estados Unidos na Guerra Fria, o México buscou não se alinhar totalmente ao discurso anticomunista, evitando levá-lo para a política externa, não participando da Guerra da Coreia. O país equilibrou essas medidas unindo-se aos Estados Unidos em outros assuntos, seu exército auxiliou na vigilância da região, aceitou que mexicanos residentes nos Estados Unidos pudessem ser recrutados pelo país, entre outras medidas que beneficiavam a Casa Branca.

Literatura feminina mexicana

A literatura feita por mulheres ganhou força no México em meados do século XIX. Josefina Vicens (1911-1988), Guadalupe Amor (1918-2000), Amparo Davilla (1928-2020), Guadalupe Dueñas (1910-2002), Nellie Campobello (1900-1986) e Inés Arredondo são apenas algumas das muitas escritoras, ensaístas e roteiristas que ganharam projeção nacional no período. Sobre esse florescimento Margo Glantz afirma: *“La proliferación de la literatura femenina responde a una proliferación de nuevas formas, de cambios radicales en el país.”* (GLANTZ, 1995).

É relevante, para o presente trabalho, destacar Elena Garro (1916-1998) e Elena Poniatowska (nascida em 1932), escritoras contemporâneas de Castellanos que, assim como ela, pensavam criticamente o lugar da mulher na sociedade latino-americana e os

significados de ser uma escritora mulher; tornando possível, dessa maneira, uma maior compreensão da própria escrita de Castellanos, de acordo com a mentalidade e os temas que permeavam a vida dessas escritoras vindas das classes altas, que na infância tiveram contato íntimo com o universo indígena e na vida adulta refletiram sobre suas trajetórias pessoais, enquanto mulheres, no seio da sociedade mexicana.

Em 1963 Elena Garro estreou com *Los Recuerdos Del Porvenir* e no ano seguinte publica *La Semana de Colores* – obra que se relaciona diretamente ao livro lançado anteriormente –, com aspectos autobiográficos, embora Garro negasse, traz reflexões sobre a passagem da infância, onde a imaginação torna tudo possível, para a adolescência, período onde as meninas tomam consciência de seu corpo e das diferenças físicas que possuem dos irmãos, assim como a percepção do abismo entre os padrões e os criados, em sua maioria indígenas.

A tomada de consciência sobre esses aspectos da sociedade mexicana gera - não só na obra, mas na própria Elena Garro - um sentimento de culpa, de traição, sobretudo pelo fato de quando criança ter sido criada pela nana.

As cuidadoras indígenas que trabalhavam na criação dos filhos pertencentes às famílias de classe alta, chamadas de nanas, e que aparecem em múltiplos relatos, como é possível verificar nas narrativas de Garro e de Castellanos, denotam o trabalho dessas mulheres anônimas e o papel afetivo que ocuparam na vida de tantas crianças. Contudo, ainda que ganhem o reconhecimento de seus esforços nas obras descritas, não chegam a ter seus nomes mencionados.

Apesar da sensibilidade inegável das escritoras torna-se evidente o abismo entre as classes e a ausência do reconhecimento do outro, por pertencer a uma classe mais baixa, como sujeito digno de ter sua individualidade, representada pelo nome próprio, ressaltada.

As semelhanças entre Balún-Canán, de Castellanos, e *La Semana de Colores*, de Garro, são nítidas e chama a atenção a recorrência de traços autobiográficos nas obras das mulheres desse período, é possível citar o livro *De Noche Vienes* (1979) de Elena Poniatowska, que também possui relatos nitidamente autobiográficos. Em sua visão a figura da nana, que significava afeto, contrastava com a da mãe. Para ela a nana “*es sabia, hace reír, se fija, nunca há habido en nuestra casa presencia más benéfica*” (PONIATOWSKA, 1988, p. 32), enquanto o que caracterizava a mãe era o comportamento frio e ausente.

Junto aos relatos autobiográficos e a figura sempre presente da nana, o tema da infância perpassa essas narrativas, e mais do que mera escolha textual, representa a busca dessas mulheres por sua própria identidade, compreendendo que a infância é parte fundamental de qualquer genealogia. Castellanos entendia que escrevia por necessidade de se conhecer e de existir, logo, a presença infantil nas suas obras é justificada, sobretudo em Balún-Canán, que traz passagens de sua própria vida disfarçadas de ficção.

A infância é o espaço por excelência da imaginação e da fantasia, entende-se que para aquele que escreve seja um terreno fértil ter protagonistas crianças. No caso das obras aqui descritas o tema surge para o historiador como preciosa fonte para pensar essa infância feminina, mexicana, burguesa dos anos 50, como o espaço de conflito identitário, onde a criança vê-se dividida entre o mundo da família biológica - muitas vezes fria e distante -, e o mundo de suas nanas indígenas.

Lázaro Cárdenas: biografia e governo

Rosario Castellanos escreve Balún-Canán na década de 1950, porém seu romance transcorre o período em que Lázaro Cárdenas esteve na presidência do México, entre os anos de 1934 a 1940. Os frutos e ressonâncias desse governo, que foi o último a assumir como dever a continuidade do legado da Revolução na esfera prática e das leis – e não um governo que entendia a Revolução como passado distante que apenas ecoa em discursos oficiais, como será o tom dos governos após 1940 – ainda eram sentidos e discutidos no momento em que Castellanos publica seus livros, não apenas pela própria maneira como Cárdenas conduziu a política interna e externa, mas também pelo fato de general não ter saído completamente da vida pública após o término de seu mandato.

Na própria década de 1950, já após ter sido secretário de Defesa Nacional, durante o governo de Ávila Camacho (1940-1946), Cárdenas se envolveu no debate acerca do prolongamento dos mandatos presidenciais, colocando-se veementemente contra a possibilidade levantada da realização de uma emenda constitucional que permitisse a reeleição para o cargo presidencial, assim como desaprovava o aumento do período do mandato de Miguel Alemán (1946-1952).

Assim sendo, examinar o governo de Lázaro Cárdenas é fundamental para a compreensão da obra, da representação feita pela autora aqui analisada e as figuras presentes no imaginário dos anos 1950 em relação essa presidência com suas permanências e discontinuidades.

Aquele que viria a ser o último presidente mexicano vindo das fileiras do exército teve longa trajetória política antes de ocupar o cargo máximo da república. Nascido no ano de 1895 na cidade de Jiquilpan de Juárez, estado de Michoacán, Lázaro Cárdenas del Río, filho de Felicitas del Río e Dámaso Cárdenas, passou a juventude em meio aos abalos da profunda instabilidade social e política, com suas insurreições, confrontos, greves, líderes insurgentes, escassez de alimentos e tantas crises que culminaram na Revolução e que perpassaram o México nas duas primeiras décadas do século XX.

Em 1913, aos 18 anos de idade, lutou contra o governo do General Victoriano Huerta. Este, no mesmo ano de 1913, havia dissolvido o Congresso, perseguido opositores, ordenado diversos assassinatos, como o do deputado de Chiapas, Belisario Domínguez, além de ter adiado indefinidamente as eleições marcadas para outubro do mesmo ano.

Huerta destacou-se em 1912 ao comandar a vitória sobre o exército regular orozquista que agia sob a liderança de Pascual Orozco Vázquez e que lutava contra o governo de Francisco Ignacio Madero González (1911-1913). Embora Victoriano Huerta já houvesse dado sinais de sua deslealdade – desobedecera às ordens de Madero ao quebrar o cessar-fogo com os zapatistas, em agosto de 1911, o que acarretou a retirada de alguns grupos apoiadores do maderismo - foi mantido no exército e, ao mesmo tempo, buscou unir-se aos Estados Unidos numa conspiração contra o governo.

Francisco I. Madero chegou ao poder por meio de eleições diretas realizadas em 1º de outubro de 1911, após as quedas do ditador Porfiriano Díaz e do presidente interino Francisco León de La Barra (ministro de guerra do governo Díaz. Presidiu de 25 de maio de 1911 a 6 de novembro de 1911), respectivamente. Apenas um ano depois, em 1912, seu governo já dava mostras de esgotamento político, muito em parte pela ação dos deputados e senadores eleitos em 30 de junho daquele ano, que exigiam as antigas regalias

do velho regime, bem como pela ação da imprensa, que não só atacava pessoalmente o presidente como bombardeava a população com matérias sensacionalistas, exageradas e quando não falsas, passando a imagem de um governo débil e de um México abandonado e violento.

A conspiração do qual Huerta fez parte iniciou-se na embaixada dos Estados Unidos no México. Relatórios enviados a Washington pelo embaixador Henry Lane Wilson apontavam para a possibilidade de expulsões de companhias estadunidenses do território mexicano além de uma suposta insegurança para a vida de cidadãos estadunidenses que residiam no país. A resposta foi de caráter agressivo, acusavam Madero de atentar contra as companhias estadunidenses entre outros motivos pela implementação do imposto de meros 20 centavos por tonelada sobre o petróleo bruto.

Tendo como aliado os Estados Unidos, o exército mexicano deu início a ofensivas contra Madero. Em 9 de fevereiro de 1913 libertou prisioneiros leais a Díaz, a fim de causar enfrentamentos na capital, a Cidade do México. O episódio ficou conhecido como os “Dez Dias Trágicos” e deu ao presidente estadunidense Woodrow Wilson a oportunidade que precisava para pedir a Madero sua renúncia, supostamente pelo bem da população mexicana, quando, na verdade, interesses econômicos é que motivavam essas ações.

Em 11 de fevereiro de 1913 Wilson chegou ao México para negociar pessoalmente com o grupo de golpistas - entre eles Victoriano Huerta - para acertar o golpe contra o presidente. Assim, no dia 18 de fevereiro o presidente Madero foi detido por tropas comandadas por Huerta e assassinado poucos dias depois. Concluía-se a conspiração e chegava ao poder, sem apoio popular, apenas com o apoio do governo Wilson, o general Victoriano Huerta.

Após participar na luta contra o governo de Huerta, Lázaro Cárdenas incorporou-se às forças constitucionalistas sob a patente de tenente. Em 1915, ano da *chinga* (desordem), o México experimentou o ápice da Revolução e a sua definição. Foi o ano em que diferentes líderes, como Emiliano Zapata e Francisco Villa, que lutavam por reforma agrária, e como os militares Alvaro Obregón e Venustiano Carranza, mobilizavam seus exércitos numerosos, (alguns chegaram a contar com mais de 80 mil homens em suas fileiras) em batalhas em um território devastado não só pela destruição como pela fome, na Cidade do México, por volta do mês de junho, grupos de mulheres percorriam os mercados e caminhavam o dia todo em busca de alimentos. (MORENO TOSCANO, 1986, p. 49).

As epidemias assolavam o país, o tifo e a febre amarela estavam fora de controle e vitimavam milhares de pessoas. Camín e Meyer (2000, p.177) indicam que cerca de 825 mil mexicanos morreram entre os anos 1915 e 1916 em decorrência das duas doenças. A inflação e caos monetário (cada exército emitia sua própria moeda), as grandes emigrações, as catástrofes agrícolas e enorme taxa de desemprego completavam a conjuntura mexicana de 1915.

Diante de tal cenário Lázaro Cárdenas acreditava que apenas com a vitória e chegada de Carranza na presidência é que seria alcançada relativa estabilidade social e política no país, bem como a restauração da legitimidade constitucional. Assim sendo, marchou junto ao exército constitucionalista e ao General Plutarco Elías Calles rumo a Agua Prieta (estado de Sonora, nordeste do país), local onde o villismo viria a ser derrotado. Estando vencido o exército villista e rechaçado Obregón e os zapatistas, Carranza logrou ser reconhecido por parte dos Estados Unidos, a 17 de outubro de 1915,

como o governo de fato.

Ao assumir o poder, Venustiano Carranza rapidamente consolidou seu poder e convocou um Congresso Constituinte, confirmando as previsões de Cárdenas. A nova Constituição, proposta por ele e recebida, em 1 de dezembro de 1916, pelo Congresso Constituinte, repetia quase que integralmente a antiga constituição de 1857. A diferença residia apenas na sua recomendação de estabelecimento de um Poder Executivo forte. A ala reformista do Congresso interveio e conseguiu que fossem adicionados importantes artigos como o 123 que firmava o compromisso de uma legislação trabalhista; o artigo 27 que acordava sobre uma legislação agrária o artigo 3 que defendia uma educação laica e obrigatória. Assim nasceu a Constituição mexicana de 1917.

Em abril de 1920, Lázaro Cárdenas encontrava-se mais uma vez em Agua Prieta junto a oficiais militares que rechaçavam o governo de Carranza. Este teve seu mandato caracterizado pela corrupção generalizada, pela inflação, pela má condução da política externa e a relação hostil com o vizinho Estados Unidos, a insegurança no campo e na cidade e a repressão violenta aos trabalhadores que, insatisfeitos com a grande queda na qualidade de vida, realizavam greves. Embora tivesse se comprometido a devolver as terras usurpadas das comunidades rurais e assegurado o direito de todo camponês ter um pedaço de terra, com a Lei Agrária de 6 de janeiro de 1915, Carranza não cumpriu as promessas, ao contrário, aliou-se a grandes proprietários a fim de burlar a própria lei que promulgara e de devolver as *haciendas* expropriadas durante a Revolução.

O plano dos oficiais militares sonorenses, a quem Cárdenas estava aliado, obteve sucesso, Venustiano Carranza foi assassinado em 21 de maio de 1920. O congresso designou o civil Adolfo de la Huerta (um dos líderes da rebelião de Agua Prieta) como presidente substituto.

Nos 15 anos que se seguiram todos os que chegaram à presidência eram provenientes do estado de Sonora. Com a pacificação de grupos rebeldes eleições foram convocadas para 5 de setembro de 1920, no pleito, Alvaro Obregón saiu vitorioso. Governando de 1921 a 1925, seu principal objetivo foi de garantir a estabilidade política, para tanto foram necessárias negociações com as facções revolucionárias, por meio de acordos de desmobilização de exércitos, concessão de terras, penas de morte e compromissos firmados, e negociações no congresso.

Sob sua administração, o país pôde experimentar uma tranquilidade interna que há muito não conhecia. Houve ainda um ligeiro crescimento econômico e a primeira admissão das demandas agraristas e operárias garantidas na Constituição de 1917. Obregón pretendia se reeleger em 1928, porém foi assassinado por José de León Toral, um fanático religioso. O presidente em exercício era o General e amigo de Lázaro Cárdenas, Plutarco Elías Calles, que cumpria o mandato de 1925-1928.

Embora o Congresso tenha nomeado Emilio Portes Gil para presidir provisoriamente por dois anos, foi Calles quem de fato ditava as ordens. Assim como fez durante os governos seguintes de Pascual Ortiz Rubio, que foi eleito em 1930 e renunciou em 1932, e de Abelardo Rodríguez, que foi escolhido pelo Congresso para governar até 1932. Esse foi o período em que se consolidou, na política mexicana, uma dominação sonorenses e que ficou conhecida por *Maximato*.

A hegemonia de Calles era de conhecimento público, o general declarava-se o *Chefe Máximo da Revolução*. Em sua administração as forças armadas foram organizadas e a política modernizada. Apresentando a economia resultados consideráveis foi traçado um projeto de reconstrução do país.

O governo apostava em um modelo de desenvolvimento capitalista que fosse baseado na iniciativa privada, e entendia que para isso era necessário o controle dos trabalhadores, as greves foram combatidas violentamente e a agricultura ejidal era anunciada como verdadeiro fracasso, para Calles o que importava era o investimento numa agricultura capitalista.

Ao mesmo tempo estimulou o projeto de educação socialista. Ressalta-se que, no entanto, o que se entendia por “socialismo” era na maior parte das vezes interpretações próprias e variadas. De acordo com Victoria Lerner no início dos anos 1930, havia no México trinta e três interpretações diferentes para o termo. (LERNER, 1979)

A Guerra Cristera que eclodiu em 1926 foi um dos acontecimentos mais marcantes dos anos 20. Durou 3 anos e foi a primeira rebelião organicamente camponesa desde 1910. Para Lorenzo Meyer foi o “*levante do México velho, camponês, católico, ainda apegado a suas tradições e ao bálsamo religioso de sua vida aldeã [...]*” (CAMÍN, MEYER, 2000, p.186). Representou o enfrentamento entre dois modos de vida e dois projetos distintos para o país.

Calles incluía a classe média incipiente, os liberais, os beneficiários diretos de sua política e aqueles que defendiam os costumes laicos. No outro extremo estavam camponeses pertencentes a regiões de tradição católica, o centro do país, o bajío e o ocidente, locais onde a colonização espanhola deixara um rastro profundo de apego a religião católica. A revolta era causada pelas proibições cada vez maiores às práticas religiosas. Calles objetivava banir progressivamente a religião da vida dos mexicanos, e os cristeros levantavam-se contra.

Ressalta-se que o anticlericalismo de Calles era distinto daquele que em 1914 fazia frente à sociedade colonial eclesiástica pela criação do Estado. A intenção de eliminar camponeses católicos fazia parte de um plano de governo que não suportava grupos sociais com características distintas das que por ele eram prestigiadas como a ilustração e o interesse voltado à política e ao Estado.

Com a interferência da embaixada estadunidense, cristeros e governo chegaram a um acordo em 21 de junho de 1929. O Estado não iria interferir no culto religioso e a Igreja não iria incitar os fiéis à rebelião.

Lázaro Cárdenas ocupou no período diferentes cargos militares, foi chefe de operações militares em Michoacán e ascendeu a General de brigada em 1924 e a General de divisas em 1928, mesmo ano em que foi eleito governador do estado de Michoacán e que o Partido Nacional Revolucionário (PNR) foi criado. A proposta do partido era de acolher a “família revolucionária”, acertando as diferenças e escolhendo juntos os seus candidatos. Cárdenas, contando com prestígio dentro do exército e junto a Calles, chegou à presidência do partido, sendo, logo depois, escolhido como candidato para o pleito de 1934. Tinha início a hegemonia do partido oficial.

A institucionalização política promovida durante a década de 1920 gerou tensões sociais e polarização ideológica. Assim como contou com adeptos, o callismo também viu crescer o número de adversários políticos. Com a depressão de 1929 as críticas ao governo cresceram expressivamente. Foi um período de reavaliação ideológica, as queixas populares cresciam e, assim, as bases do cardenismo ganhavam contorno. Era uma nova geração de políticos e intelectuais. Às vésperas da eleição de 1934, o PNR lançou seu plano sexenal, que implicitamente criticava o modo callista de governar, defendia direitos trabalhistas, ressaltava o papel do Estado, a necessidade do

nacionalismo e a importância da questão agrária.

Após intensa campanha eleitoral, onde percorreu todo o país em contato direto com a população, Cárdenas saiu vitorioso e assumiu em dezembro de 1934. Diante da mudança da ênfase política, sentiu-se seguro para realizar um dos grandes feitos de sua administração: cessar o poder de Calles. Enfrentando, evidentemente, resistência por parte do adversário político, antes aliado, que ia aos jornais da capital insinuar a possibilidade de impeachment e fazer acusações contra Cárdenas, denunciando, sobretudo, as “tendências comunistas” do novo presidente. (KNIGHT, 2015, p. 21).

Após firmar importantes alianças com sindicatos, parte da esquerda e homens do exército, Cárdenas demitiu ministros callistas e fez ruir o bloco no Congresso. Ao mesmo tempo, aproximou-se da Igreja. Assim, Cárdenas conquistou a derrubada definitiva do maximato em 1936.

Pouco antes, em 1935, o governo assistiu a uma verdadeira explosão sindical, inúmeras greves foram feitas, havendo inclusive tentativas de greve geral em Puebla e Veracruz. A organização da classe trabalhadora demonstrava cada vez mais complexidade. A Confederação Regional Operária Mexicana (CROM) que nos anos 1920 viveu seu apogeu, canalizando as forças operárias e defendendo uma conciliação de classes, via-se agora em plena decadência. Inúmeros eram os dissidentes e novos sindicatos surgiam.

O protesto agrário, antes cooptado pela reforma oficial pós 1915, voltava a ganhar robustez, eram realizadas ocupações de terras e greves rurais, pela realização da reforma agrária, que mesmo garantida na Constituição de 1917 não havia sido efetivada.

Entre os anos de 1936 e 1937, a principal política do governo foi a reforma agrária, Cárdenas via nesse projeto a possibilidade de integração nacional, dando resposta as reivindicações feitas pela população. Logo, diferentemente de Calles, tinha para si que os *ejidos* seriam a base para reestruturação do campo, para melhora na qualidade de vida dos camponeses e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da nação.

O principal *ejido* de seu governo foi o de La Laguna, em 1936 a Lei de Expropriação foi invocada e grandes *haciendas* foram entregues aos empregados, em detrimento de empresas estrangeiras e gerais revolucionários. O modelo era de *ejido* coletivo, o que iria caracterizar o período Cárdenas. Nesse modelo são entregues as terras e as máquinas para administração coletiva onde a safra era partilhada de acordo com a contribuição de cada trabalhador. O crédito era fornecido pelo Banco Ejidal que também prestava assessoramento técnico.

Alguns serviços eram prestados pelo próprio *ejido* que ficava responsável por partes das funções recreativas, educacionais e médicas. Os resultados eram vistos no aumento do nível de vida dos camponeses de La Laguna, constatado até 1939, coincidindo o cessar desse crescimento com o final do governo Cárdenas.

A partir de 1941, já sob o comando de Manuel Ávila Camacho, o modelo ejidal coletivo foi substituído pela distribuição da terra em parcelas e o Banco Ejidal dificultou a concessão de créditos. As reformas cardenistas começaram a ser desfeitas nos governos pós 1940, evidenciando as debilidades das medidas, que embora contassem com o apoio popular dependiam da iniciativa pessoal dos futuros presidentes. A curto prazo o projeto contribuiu para a criação de organizações camponesas.

Na educação o investimento cresceu, entre os anos de 1935 e 1940 os gastos com educação foram em torno de 12% a 14% do total de gastos públicos, porcentagem inédita até então.

Projetos educacionais se proliferaram, tendo destaque o programa de construção de escolas rurais assim como as escolas especiais do exército, muito apreciadas pelo presidente, para Cárdenas o professor tinha um papel social e revolucionário a cumprir, auxiliando os camponeses e os trabalhadores na luta por emancipação e contribuindo para o melhoramento do povoado. Os professores responderam positivamente as tarefas que a eles foram atribuídas, no *ejido* coletivo de La Laguna participaram de forma ativa em reformas educacionais, agrárias, técnicas e médicas, por exemplo.

As taxas de alfabetização cresceram e a escola como integradora e nacionalista obteve seu êxito, no entanto, só durou enquanto este esteve na presidência. A educação socialista, implementada por Calles, prosperou nos anos 1930, porém foi sistematicamente desmontada ao final do mandato do general Cárdenas, assim como outras de suas principais políticas foram alvos de deliberada destruição.

Uma especial atenção foi dada a questão indigenista, através do Departamento de Assuntos Indígenas foram organizados programas de pesquisa e educação. O objetivo de Cárdenas era emancipar social e economicamente os indígenas sem destruir os traços fundamentais de suas culturas. O que realmente se deu foi uma tentativa de integração do indígena aos trabalhadores camponeses dando ênfase a classe social deixando, porém, as questões raciais e étnicas de fora.

As políticas que de fato impactaram a vida das populações indígenas foram a de educação rural e a da reforma agrária, sobretudo, nas regiões do sul do país: Yucatán e Chiapas, onde a presença de indígenas de diferentes etnias são mais numerosas.

Na área trabalhista o projeto de Cárdenas possuía aspecto educativo, objetivando a organização gradual dos trabalhadores. A meta do presidente era de alcançar uma democracia trabalhista que colocasse em evidência as qualidades cardenistas de trabalho comprometido, responsável, igualitário e patriótico.

Nos anos de 1935 e 1936, expressivas greves tomaram conta do país, sobretudo, contra empresas estrangeiras, nesse cenário, de forte mobilização dos trabalhadores, o governo adotou uma postura intervencionista, colocando-se como árbitro nas questões, mas sem deixar de combater o que chamava de “sindicalismo irresponsável” como o dos petroleiros. Com a CROM em decadência nasceu, em 1936 a CTM, *Confederación de Trabajadores de México*, aglutinando diversos sindicatos como o dos ferroviários, dos eletricitistas, dos metalúrgicos, dos mineiros, entre outros. Para evitar uma hegemonia da CTM o Estado manteve em suas mãos o sindicato dos funcionários públicos e a organização dos agricultores. Contudo, não demorou para que o governo se apropriasse da CTM, os dirigentes do sindicato, obtendo vantagens, contribuíram para tal, sob a falácia de que era preciso destruir os resquícios do callismo e combater o imperialismo e o fascismo.

Entre os líderes sindicalista, Lombardo Toledano, que saiu das fileiras da CROM, se sobressaiu como um dos personagens políticos mais importantes do período, sendo o principal dirigente da CTM. Lombardo frequentemente conquistava o apoio do Partido Comunista Mexicano, conseguindo manter, até 1946 uma coalização cardenista.

A tutela do Estado sobre a classe trabalhadora tem seu ápice em dois episódios importantes do governo de Cárdenas: a greve dos ferroviários e a greve dos petroleiros. Em ambos os casos foram desapropriadas empresas estrangeiras e reestruturadas as formas de organização dos dois setores.

As ferrovias foram nacionalizadas em 1937 e postas sob o controle dos trabalhadores em 1 de maio de 1938. Já a questão do petróleo teve relevância maior tanto

no cenário interno quanto externo, impactou diretamente na relação do país com seu vizinho Estados Unidos, e foi o último ponto fundamental do governo do general.

De importante papel na economia nacional, o petróleo era visto como um símbolo da identidade e da independência da nação, no Plano Sexal, já havia a previsão da criação de uma companhia petrolífera estatal, a Petróleos Mexicanos, PEMEX. Em 1935, deu-se a unificação dos trabalhadores da área sob o Sindicato de Trabajadores Petroleros de la República Mexicana e no ano seguinte exigências foram apresentadas as empresas estrangeiras que atuavam no país. No novo acordo sugerido pelos trabalhadores, estavam presentes as reivindicações de mexicanização do pessoal, substituição de empregados não sindicalizados por membros do sindicato, melhora nos salários e nos benefícios sociais além da redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais.

A contraproposta foi ínfima e, frente a recusa das empresas em negociar, os trabalhadores deram início a uma greve em maio daquele ano, 1937.

O embate tomou proporções nacionais, chegando ao Supremo Tribunal que deliberou a favor dos trabalhadores. No entanto as companhias resistiram e desobedecendo as ordens do supremo, elevava a disputa envolvendo o próprio orgulho e independência nacional.

Respaldao na opinião pública, Cárdenas falou à nação pelo rádio, no dia 18 de março de 1938, noticiando a decisão de nacionalizar o petróleo, desapropriando totalmente as companhias estrangeiras.

O episódio foi o ponto máximo do governo do general, entendido como gesto corajoso de patriotismo, Cárdenas recebeu o apoio imediato da população que contribuiu com os próprios bens para o pagamento das indenizações às empresas estrangeiras e para auxiliar na economia uma vez que, tendo os governos britânico e estadunidense protestado oficialmente, as empresas sacaram os recursos que tinham no país, boicotaram o petróleo mexicano e pressionaram terceiros para que também boicotassem.

Pela primeira vez a política externa tornou-se ponto central da administração, no contexto do início da segunda guerra mundial, o estremecimento da relação dos Estados Unidos com o país não teve como ir muito longe, embora as companhias de petróleo exigissem indenizações e a devolução das propriedades, outros setores da economia estadunidense estavam vinculados ao México, tendo como exemplo os proprietários de minas de prata na região e fabricantes que tinham investimentos no país vizinho.

Com interesses econômicos antagônicos o governo estadunidense ficou dividido e o fator determinante para o apaziguamento da contenda foi o temor de que a economia e a política alemã entrassem no México. Assim sendo, o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, apoiado no New Deal, a política de boa vizinhança, declarou que o México possuía o direito de nacionalizar o petróleo, diminuindo a tensão e melhorando a relação entre os dois países.

Balún-Canán

Musitaremos el origen. Musitaremos solamente la historia, el relato.

Nosotros no hacemos más que regresar; hemos cumplido nuestra tarea; nuestros días están acabados. Pensad em nosotros, no nos borréis de vuestra memoria, no nos olvidéis.²¹

Com um chamado à memória, Rosario Castellanos inicia Balún-Canán. Com uma espécie de sussurro, algo secreto que não pode ser dito em voz alta, mas que necessita ser passado a diante, assim como a história contada e transmitida através do Libro del Consejo. Segredos que se assemelham, em sua potência mítica e em sua urgência.

O trecho citado abre a primeira parte do livro. Surge uma mulher contando para uma criança um conto antigo. Trata-se da protagonista da história, la niña, e sua cuidadora, nana. A niña não tem nome, em nenhum momento da narração seu nome é citado, é chamada apenas assim, apenas de niña. Contudo, protesta ao ouvir a nana dizer que ela é um de grão de anís e reivindica sua identidade: “No soy um grano de anís. Soy una niña y tengo siete años. Los cinco dedos de la mano derecha y dos de la izquierda”.⁵ De maneira poderosamente simbólica Castellanos começa a tecer o seu relato, numa mescla de confissão e denúncia, de realidade e fantasia, de história (a sua própria história) e mito.

A primeira parte é inteiramente narrada pela *niña*, é a partir de sua ótica que o leitor vai adentrando no espaço criado pela autora e no mundo ali representado. Por se tratar da visão de uma criança, é sutilmente que o leitor toma conta do ar pesado de preocupação que envolve a cidade de Comitán, onde se passa a história. Nas ruas os adultos sussurram, nas janelas das casas as solteiras surgem com suas bocas cerradas e o semblante de aflição se faz presente nos lugares. A niña ignora o porquê, nota o que se passa ao seu redor, mas é à sua maneira que interpreta o que vê, não dando importância à apreensão dos adultos e voltando-se para seu próprio mundo: sua escola, onde estuda com a senhorita Silvina junto às outras meninas; sua nana, que conta histórias que aprendeu com os índios mais velhos de Chactajal e de criaturas mágicas como o Dzulúm, que aparece na noite enfeitando as mulheres e as levando para a mata de onde elas nunca voltam a aparecer; e seu irmão Mario, mais novo que ela, a quem ela ensina as coisas que sabe, como por exemplo que “Colón descubrió la América.”⁶

Felix Guattari chama de subjetivação capitalística a forma como os indivíduos, a medida que crescem, vão sendo moldados e enquadrados em um modelo pré-definido - a partir do capital - de comportamento que resulta na eliminação de características particulares, ocasionando uma maneira limitada e única de olhar e estar no mundo. Para Walter Benjamin foi justamente com o advento da modernidade e o avanço do capitalismo que a experiência foi se ausentando do mundo. Em sua concepção, a experiência opõe-se à vivência na medida em que acumula, inconscientemente, memórias que se tornarão duráveis e que poderão ser transmitidas, por exemplo, a partir das narrações dos escritores, contendo em si sabedoria.

Na vivência a pressa das cidades, das multidões, do ritmo de produção e todo o conjunto de fatores que envolve a sociedade sob o capitalismo, obriga os indivíduos a apenas *esbarrarem*. Esbarrarem os corpos uns contra outros nas ruas, esbarrarem nas notícias que já nascem vencidas, esbarrarem na velocidade dos automóveis e em todo um ritmo frenético advindo das transformações nas condições de produção e na sociedade.

Para Benjamin inaugura-se um sistema de choque que impossibilita a apreensão e processamento das impressões pois elas não são gravadas psiquicamente, logo,

⁵ Rosario Castellanos, 1978, p. 9.

⁶ Rosario Castellanos, 1978, p. 10.

desaparecem instantaneamente, sem dar espaço para a experiência e o consequente ensinamento.

Partindo de Guattari e tendo como base os conceitos citados de experiência e de vivência em Walter Benjamin é possível compreender, de maneira menos rasa, o comportamento da protagonista, que ignora as tensões da sociedade em que está inserida, preferindo voltar sua atenção às brincadeiras com sua nana.

No entanto, enquanto a *niña* narra seu dia a dia na casa enorme em que vive com seus pais, seu irmão e os inúmeros empregados indígenas, o leitor toma conhecimento das razões para a inquietação crescente entre os mais ricos da cidade, nas conversas que a *niña* escuta.

Notícias que chegam através dos jornais e dos amigos do seu pai, César, dão conta de agitações no país e mudança nas políticas vigentes. Da capital, Cidade do México, partem os discursos do presidente da república, Lázaro Cardenas, que tratam das leis de expropriação de terras (a serem destinadas aos indígenas a partir da construção de *ejidos* coletivos), dos direitos dos trabalhadores camponeses e da nova exigência de que os grandes proprietários de terras tenham em suas propriedades escolas rurais para o ensino das crianças filhas dos trabalhadores, que em sua totalidade são indígenas herdadas há muitas gerações nas famílias tradicionais. A família da *niña* é uma delas.

O cerne da história concentra-se na busca de César por uma forma de fazer vistas de que cumpre a lei que obriga a construção das escolas rurais e o emprego de um professor, enquanto, em verdade, a burla, como é possível ver em diálogo com o seu amigo Jaime:

- *Vaya Jaime, casi lograste asustarme. [...] Esto no tiene importância. ¿Te acuerdas cuando impusieron el salario mínimo? A todos se les fue el alma a los pies. Era el desastre. ¿E que pasó? Que somos lagartos mañosos y no nos pesca facilmente. Hemos encontrado la manera de no pagarlo. - Porque ningún índio vale setenta y cinco centavos al día. Ni al mês.⁷*

A tensão se intensifica à medida que grupos de trabalhadores indígenas reivindicam o cumprimento das novas leis e passam a atacar indígenas que não se somam na reivindicação. Em um episódio, chegam à casa da *niña* um grupo de trabalhadores da fazenda de César, que fica na região afastada da cidade, em Chactajal. Eles trazem consigo um indígena que fora espancado por ser empregado de César. A cena choca a *niña* que guarda em sua memória o horror de presenciar uma pessoa agonizando. Dias mais tarde, quando vai junto à mãe e outras mulheres, clandestinamente, até a igreja, que está fechada por ordens do governo, a menina se apavora frente a imagem do Cristo Morto por lembrar o homem que ela viu morrer, gerando repulsa em sua mãe, Zoraida, que recrimina todas as ações da filha, tratando-a com desprezo em todas as ocasiões que ambas as personagens interagem na trama.

O cuidado da *niña* com sua nana e o amor que demonstra revela o laço maternal que as unem. Diferentemente, a mãe da *niña* não esconde a raiva que sente por ela, tão pouco a preferência que tem por filho homem, Mario. Nos momentos em que a família conversa, exalando todo o racismo e ódio de classe, depreciando os indígenas, a *niña* se

⁷ Rosario Castellanos, 1978, p. 45

preocupa em fechar as portas dos cômodos para que sua nana não escute tais palavras e se atinja, sendo ela uma mulher indígena de Chactajal.

César toma a decisão de contratar o sobrinho, Ernesto, para dar as aulas na escola rural da propriedade da família. Ernesto é um dos muitos filhos não assumidos do irmão de César, e traz consigo a marca de ser visto pela sociedade como bastardo. A artimanha de César é de ao fingir integrar Ernesto à família fazê-lo dar as aulas sem realmente ensinar nada e apenas ler livros em espanhol para as crianças que não compreendem, uma vez que falam unicamente Tzetal, a língua dos indígenas da região.

Tomada a decisão, embora Ernesto tente deixar claro que não é professor, a família se prepara para passar a época da colheita em Chactajal. A *niña* narra os preparativos: as mulheres que são chamadas para a confecção de velas e as cozinheiras que são chamadas para fazer o pão e o cacau que servirão de refeição durante os três dias de viagem que separam Comitán de Chactajal. Antes de partir, a nana leva a *niña* até a capela da casa, lá faz uma longa oração, rogando para que Deus proteja a *niña* uma vez que ela não estará lá para protegê-la e cuidá-la. A nana sabe que Zoraida tem repulsa da filha.

A segunda parte do livro, onde se desenrola o enfrentamento entre os trabalhadores e César, é narrado por diferentes personagens de acordo com os capítulos. Em sua maioria por Zoraida, Ernesto e César.

Castellanos faz a escolha narrativa de ausentar a *niña* nessa segunda parte. A ausência da criança pode ser entendida não só como forma de narrar mais explicitamente os acontecimentos que se dão durante a revolta indígena como também maneira de demonstrar a invisibilidade das crianças frente aos adultos pois mesmo envolvidos no tédio da região afastada, onde as horas demoram a passar e os afazeres e lazeres são limitados, esses personagens não se ocupam das crianças, não interagem e deixam explícito a visão que fazem delas: estorvos. Salvo o propósito de Mario, o filho homem que herdará as propriedades da família dando continuidade à linhagem Argüello.

As representações que a autora constrói tornam claro o seu entendimento de que na sociedade em que vive, a mexicana dos anos 1950, as crianças são tratadas como algo que atrapalha, devendo ficar a cargo dos empregados, e que só possuem valor os meninos, na medida em que ao crescer serão a autoridade da família por serem homens. Castellanos traz em seu romance a solidão das meninas, que para a família não tem serventia e a solidão das mulheres, que, já crescidas, não tem importância se não estiverem casadas e com filhos homens, o que leva as mulheres solteiras a caírem em desgraça perante a sociedade, tornando-se espécies de párias, de seres estranhos dignos de pena e motivo de burburinhos.

A trama segue a partir da narração de Ernesto, que se mostra enebriado pelo contato com o tio e com a família Argüello.

Ao chegar em Chactajal ele logo nota nas falas de César a discriminação, contudo demora a admitir que foi usado em nome dos interesses do tio. Transparece seu profundo conflito enquanto filho bastardo. Se por um lado admira a imagem do pai por ser um homem rico, a imagem do tio por ser um homem que estudou na Europa e o sobrenome Argüello, que tem peso na sociedade local, por outro sente a mágoa de não ter sido assumido, de ter crescido na pobreza e de não ser visto como igual. Durante o tempo que passa em Chactajal, o conflito o divide pois ao mesmo tempo em que faz esforços para se integrar à família e para identificar nas falas de César o reconhecimento de que ele é um Argüello, também faz o esforço de sufocar a verdade inconveniente, que o perturba, de estar ali apenas como um empregado e o patético que é a sua crença de um dia deixar de

ser

bastardo.

À essa altura do livro já foi apresentado ao leitor o personagem Felipe, um indígena que depois de presenciar o discurso feito pelo presidente Lázaro Cárdenas passa a andar pelas fazendas unindo indígenas em torno da exigência do cumprimento da lei das escolas rurais.

Felipe, como representante do grupo de trabalhadores, comunica a César que seus empregados estão no aguardo da chegada de um professor, César apresenta, então, o sobrinho, que a contragosto, começa a dar aulas na escola construída pelos próprios trabalhadores.

Ernesto, em verdade, não faz mais do que ir até a escola e passar o menor tempo possível, enquanto lê em voz alta livros em espanhol. As crianças nada entendem, uma vez que falam apenas o Tzetal.

A língua por vezes constitui um instrumento de poder, no livro é possível verificar a maneira como é utilizada para a perpetuação de discriminações e legitimação de poder. Zoraida sente ódio pelos indígenas, inúmeras são as passagens em que a personagem humilha os indígenas que trabalham para sua família. Alega que por eles não saberem falar o espanhol são selvagens. Richard Morse, em *O Espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*, demonstra como dizer mal o espanhol implicava na visão de malditos que os colonizadores espanhóis ao chegar nas Américas, faziam das populações nativas. Malditos no sentido de mal dizer e por mal dizer condenados à submissão. A mesma visão dos colonizadores possui a personagem de Zoraida, para ela saber falar espanhol a distingue dos indígenas, que não só não falam como não podem aprender a falar, pois para ela significaria um desacato. A personagem fica ofendida e irritada quando toma conhecimento da reivindicação de Felipe e seus colegas por um professor que ensine as crianças indígenas, chegando a rir ironicamente, enquanto teme, silenciosamente, a perda de privilégios com as mudanças do governo de Lázaro Cárdenas.

Durante a estadia em Chactajal, junta-se à família Matilde, prima de César. Solteira, Matilde morava com suas duas irmãs, Francisca, a mais velha e Romélia, a separada, em Palo Maria, próximo a Comitán.

Na região as insurreições de trabalhadores indígenas se espalhavam rapidamente. Francisca adiantou-se e fingiu estar recebendo visões e tornando-se uma bruxa, a fim de poder manter a seu lado os indígenas de sua propriedade. Porém, o comportamento fingido e exagerado de Francisca assustava Matilde, o que a levou a fugir para Chactajal.

Poucos dias após a chegada de Matilde, César recebe a visita de seu afilhado, Gonzalo Utrilla, que tornou-se funcionário do governo, sob o cargo de inspetor agrário. Percebendo que a visita do afilhado, na verdade, se tratava de uma inspeção, César lamentou não ter dado atenção a ele na infância, quando o garoto aparecia em sua porta e ele ignorava, mandando um empregado dar coisas sem valor ao menino. Em certa ocasião enviou uma tampa de panela. O pesar de César em nada tem a ver com remorso ou arrependimento pelas humilhações que fez o afilhado passar. Significa, apenas, o pesar de não poder agir como está acostumado: fazendo acordos escusos entre compadres e trocas de favores visando manter seus privilégios às custas da exploração dos trabalhadores.

Com a passagem de Utrilla pela fazenda, César se sente pressionado a cumprir com as novas disposições do governo, levando-o a se comportar de maneira fingida com seus subordinados enquanto busca formas de não ceder a nenhuma reivindicação.

Ao desenrolar da história Castellanos apresenta ao leitor uma Matilde angustiada,

que pensa frequentemente em matar-se ou fugir. Um dia, durante o banho de rio das crianças, ela tenta se suicidar, no entanto, é salva por Ernesto. É neste ponto da narrativa que é revelado o motivo que levou a personagem a tal ato. Semanas antes, Ernesto havia entrado em seu quarto e a estuprado e da violência cometida resultou uma gravidez. Matilde não podia suportar manter uma gravidez fruto de um estupro, por isso a tentativa de suicídio.

O pensamento de Castellanos acerca dos diferentes grupos que compõe a sociedade e as diferentes violências a que estão sujeitos é colocada na história de maneira complexa, onde a autora constrói um amálgama de opressões que se sobrepõe umas às outras, como por exemplo: o mesmo personagem, no caso, Ernesto, que sofre a opressão de classe, é o que pratica a opressão de gênero. Ao mesmo tempo que sofre as pressões da sociedade patriarcal, como a pressa e a obrigação de parir um *varón*, Zoraida pratica violências raciais.

Ao dizer a Ernesto o motivo pelo qual tentou se suicidar, que foi a violência tremenda praticada por ele, Matilde, em seu desespero, e como forma de tentar devolver a ele um pouco de sofrimento, afirma que deseja abortar para não precisar parir o filho de um bastardo. A partir desse ponto a trama se desenrola rapidamente, Ernesto passa a embriagar-se todos os dias e a se comportar de maneira violenta com as crianças que vão à escola, chegando a agredir uma delas. Os trabalhadores, então, exigem que César traga outro professor, comunicando que não irão trabalhar enquanto a questão não for resolvida.

César, no entanto, ameaça matar aqueles que participarem da greve. A colheita estava sendo feita e era preciso trabalhadores para moerem a cana, que já havia sido vendida, previamente, por César à um produtor de água ardente de Comitán. Frente as ameaças, o grupo de trabalhadores põem fogo na fazenda, matam Ernesto e fazem com que a família fuja às pressas de Chactajal, chegando, assim, ao final da segunda parte do livro.

A *niña* volta a narrar os acontecimentos, após o incêndio de Chactajal seu pai parte para Tuxtla a fim de conversar com o governador e acerta a divisão da terra, agora tomada pelos indígenas, em *ejidos*. No entanto, passam-se semanas e César não consegue ser atendido pelo governador, percebendo inéditos obstáculos para a resolução de questões por meio do favorecimento de conhecidos que ocupam cargos políticos.

Estando de volta a Comitán, Zoraida é avisada pela nana de que os bruxos de Chactajal estariam comendo a vida de Mario. Apesar de não acreditar em bruxaria, ela guarda em si o temor de perder seu único filho homem. Decide, assim, buscar ajuda, recorrendo primeiro a mulher do bairro pobre da cidade que lê cartas no baralho. Pela falta de resultados e ainda aflita, a mãe das crianças procura a ajuda de sua amiga, Amalia, embora Mario não apresente nenhum sintoma que pudesse indicar a presença de doenças.

As crianças começam a receber aulas de catequese com Amalia, pois Zoraida decide realizar, clandestinamente, a primeira comunhão de Mario e da *niña* na capela de casa. Durante às aulas as crianças tomam conhecimento do inferno, da culpa, dos pecados e da vigilância de Deus, o que causa imediato pavor nelas. As novas cuidadoras das crianças (que chegaram após a nana ser expulsa por Zoraida) também fazem uso de histórias onde deuses castigam e criaturas mágicas levam embora crianças que não se comportam, para chantagear Mario e a *niña* a fazerem apenas o que lhes é pedido.

Embora as crenças sejam distintas ambas convergem no ponto em que são utilizadas para amedrontar e controlar as crianças, que passam a cultivar um medo cada vez maior.

Às vésperas da chegada do padre para a realização da primeira comunhão, a *niña* decide roubar a chave da capela como tentativa de impedir a celebração, uma vez que passa a acreditar que a culpa de tudo o que estava acontecendo e do cerceamento de sua liberdade, era devido à cerimônia que estava para acontecer.

Entra-se no último ato da trama, Mario adocece e mesmo com a visita de um médico nada pode ser feito para curá-lo. Sofrendo de apendicite havia a urgência da realização de uma cirurgia, o que era impossível na pequena cidade de Comitán, pela falta dos recursos necessários. Tão pouco era possível viajar até a capital do país, que ficava há cinco dias de viagem de distância.

Em algumas passagens do livro é abordada a questão das áreas distantes da Cidade do México. Não há nas personagens a ideia de nação e nem o sentimento de integração. Os jornais que chegavam à casa da *niña* eram de semanas atrás e na necessidade de uma intervenção cirúrgica, mesmo as famílias ricas, não podiam fazer frente ao isolamento da região sul do país.

É abordado, ainda, nessa última parte, a burguesia incipiente, que começa a incomodar as famílias tradicionais de Comitán, antes do adoecimento de Mario, Matilde e Zoraida comentam sobre os donos de cachaçarias e os donos de cassinos na fronteira com a Guatemala que começam a ocupar a cidade. Para elas, mesmo que esses homens estejam enriquecendo nunca chegarão a ter o que elas possuem e o que as distingue na sociedade: um sobrenome de família tradicional.

Sem o tratamento adequado Mario falece e Zoraida, pela dor de perder o único filho que lhe dava sentido à vida e que lhe dava valor na sociedade, passa a não ter mais nenhum contato com a filha, isolando-se no quarto e deixando explícito que se era para os bruxos de Chactajal levar um filho seu, que fosse a *niña*, não o *varón*.

No último capítulo, a *niña* visita o tumulo de Mario junto com Amalia, na celebração do dia dos mortos. Nesse momento Castellanos faz visível a culpa que a menina sente por acreditar que a morte de Mario foi causada por ela. Uma culpa que vai além, recuperando todo o desprezo que a família tem por ela e toda a insignificância que está destinada a vivenciar na sociedade, já que é mulher:

- *Cuando llegué a la casa busque un lápiz. Y con mi letra inhábil, torpe, fui escribiendo el nombre de Mario. Mario, em los ladrillos del jardín. Mario em las paredes del corredor. Mario em las páginas de mis cuadernos. Porque Mario está lejos. Y yo quisiera pedirle perdón.*⁸

Rosario Castellanos Figueroa: vida e obra

As semelhanças entre a vida de Rosario Castellanos e de sua personagem, la *niña*, são expressivas, tornando inegável o tom autobiográfico presente em Balún-Canán, embora a autora nunca tenha confirmado.

Nascida em 25 de maio de 1925 na Cidade do México, Castellanos, assim como sua personagem, passou a infância em Chiapas, em uma das propriedades da família. Por ser a filha mulher, quase não recebeu atenção dos pais, ficando ao cuidado de sua nana, uma mulher indígena. Através dela entrou em contato com o universo e os mitos do povo Tzotol, que habita a região. O que ficaria gravado em sua memória para toda a vida.

⁸ Rosario Castellanos, 1978, p. 291.

Castellanos teve um irmão mais novo, e costumava ouvir ironicamente de seu pai que não se aborrecesse pois por mais que ele fosse o filho homem, o *varón*, ela que tinha a pele mais clara entre os dois.

Ainda durante a infância em Chiapas, seu irmão Mario veio a falecer em um acidente, após o episódio o pai de Castellanos, uma vez que não tinha mais para quem deixar a propriedade da família, já que perdera o único filho homem, dividiu as terras que possuía entre *ejidos*, conforme a reforma agrária mexicana no governo de Cárdenas estabelecia, e levou a família para morar na Cidade do México. Durante a vida do irmão, Castellanos já havia experimentado o abandono dado a predileção dos pais pelo filho homem, contudo, após a morte do irmão Castellanos viu-se completamente desprezada, em uma infância marcada pela falta de afeto e pela rejeição. Os pais não achavam justo ter perdido o filho enquanto a filha continuava viva e não escondiam esse pensamento. A culpa tornou-se desde cedo a companheira de Castellanos:

Siempre me sentí culpable de existir; durante todos esses años hubiera querido pedir perdón a todos por estar viviendo. [...] Además constantemente me echaban en cara que si yo no hubiera vivido, ellos hubieran podido tranquilamente suicidarse [...] Allí tiene la raíz de todo; una raíz amarga y difícilmente extirpable.⁹

A partir de tais experiências sofreu de fortes crises de depressão, foi quando começou a escrever, por conselho de um psiquiatra e, justamente na escrita que ela encontrou um meio para fortalecer-se enquanto indivíduo, utilizando a literatura como espaço para a denúncia e para a revolta, e como instrumento capaz de auxiliar as mulheres no reconhecimento e constituição de suas próprias identidades. Elena Poniatowska afirmou tal uso da literatura em Castellanos:

Lo que pasa es que Rosario usó la literatura como todavía la usamos la mayoría de las mujeres, como forma de terapia. Recurrimos a la escritura para liberarnos, vaciarnos, confesarnos, explicarnos el mundo, comprender lo que nos sucede.¹⁰

Surge, então, para Castellanos a possibilidade de encontrar-se na literatura, de buscar a importância de um ser sem identidade. A autora afirma que começou a escrever porque um dia, ainda adolescente “me incline ante um espejo y no había nadie.”¹¹

O espelho é um símbolo que na história da América Latina possui significados importantes a nível de construção de um povo, de sua identidade e de sua história. Carlos Fuentes em *O Espelho Enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo*, conta a história da dominação espanhola no território americano e a história do México. O escritor toma o espelho como o grande símbolo que sintetiza a história do continente, desde os espelhos de Cervantes e Velazquez aos espelhos enterrados nas tumbas indígenas mexicanas. Para ele, é o jogo entre espelhos que marca a identidade latino-americana, dividida entre uma história de dominação e de apagamento das raízes indígenas. Nasce

⁹ Castellanos, 1994, pp. 35-36

¹⁰ Elena Poniatowska, 1986, p. 57

¹¹ Castellanos in: Beth Miller, 1987, p.13

um indivíduo confuso e híbrido.

Rosario Castellanos tem ciência destes fatos e reflete a especificidade e o impacto, maior ainda, que tem sobre as mulheres latino-americanas. Entende, por tanto, que à medida que a literatura é capaz de auxiliar a mulher na busca de sua própria identidade, tem, a escritora latino-americana, um compromisso com o que escreve e a necessidade de inovar na linguagem, uma vez que os dialetos pré-colombianos foram enterrados pelo idioma Castellano num movimento de duplo de opressão, tanto no sentido do apagamento histórico, quanto no sentido de dominação e estabelecimento da distinção através de símbolos linguísticos que marcam o lugar do índio e do branco nessa sociedade, aproximando-se, assim, do pensamento que faz Roland Barthes sobre a língua e seu caráter fascista e sobre a literatura como meio para trapacear a língua fazendo emergir a história.

Quando uma mulher latino-americana toma entre suas mãos a literatura, ela o faz com um gesto e uma intenção semelhantes àquele que faz ao tomar um espelho para contemplar a própria imagem. [...] O maravilhoso e o terrível não se refugiam no extraordinário, mas permanecem ocultos no imediato, aguardando um olhar atento que os descubra, uma palavra exata que os revele.¹²

Na concepção da escritora a literatura tinha ainda o poder de dar ordem ao caos e de recuperar as coisas perdidas do naufrágio do tempo e do esquecimento, aproximando-se da ideia de Walter Benjamin sobre as ruínas da memória.

Castellanos graduou-se em filosofia pela Universidad Nacional Autonoma de México, UNAM, e em sua tese de mestrado, *Sobre Cultura Femenina* (1950) sustenta, ironicamente, (a ironia e o sarcasmo serão traços marcantes de sua obra) que a mulher é inferior ao homem e que ela mesma é inferior, pedindo perdão por atravessar e pisar um terreno que não é seu, pois o lugar que para ela está fechado, a cultura, tem como habitantes apenas os indivíduos do sexo masculino. Ela conclui que não há uma cultura feminina, propriamente dita, não porque a mulher não queira participar dos processos culturais, e sim porque está encerrada na maternidade, o que, para a sociedade, basta para dar-lhes razão de ser no mundo. Para ela, dessa maneira, a mulher que vai de encontro a cultura a fim de participar da produção artística, o faz em ato de rebeldia, dada a frustração e indignação causada pelo sofrimento da opressão masculina que as colocam como seres inferiores.

Elena Poniatowska sustenta que a tese de Rosario Castellanos foi o ponto intelectual inicial do movimento de mulheres no México.

Castellanos, dotada de uma visão ao mesmo tempo crítica e sensível, entende seus problemas pessoais no âmbito social, compreendendo que, para além de sua própria experiência, a opressão e sofrimento que vivencia está condicionado às mulheres em geral e que o sexo dos indivíduos é um determinante significativo tanto na política quanto na cultura.

Após formar-se, Castellanos começa sua produção literária, (ressalta-se que anterior a carreira de escritora, Castellanos já escrevia, desde a adolescência, poemas)

¹² Castellanos in: Beth Miller, 1987, p.13

lançando, em 1957, Balún-Canán. Experimentou diferentes formas e estilos narrativos, como a poesia, ensaios, novelas e crônicas, explorando, sempre, a relação entre opressor e oprimido, e os padrões culturais de dominação e submissão entre diferentes indivíduos, de diferentes grupos sociais: homens e mulheres, índios e brancos, europeus e mexicanos, estadunidenses e latino-americanos, pais e filhos e ricos e pobres. Seu primeiro livro obteve sucesso imediato, com o reconhecimento nacional através de prêmios, como o importante Premio Chiapas de 1958.

Em 1960, lança seu primeiro livro de contos, *Ciudad Real*, ganhador do premio Xavier Villaurrutia de 1961, e em 1962 *Oficio de Tinieblas*. Os três títulos compõem a trilogia indigenista mais importante da narrativa mexicana do século XX, de acordo com Aurora Ocampo.¹³

O indigenismo de Castellanos se difere pela visão não paternalista que faz de Chiapas e dos povos indígenas da região. Embora branca e de classe alta, ela experimentou de maneira muito próxima, através de sua nana e da infância passada em Chiapas, o universo místico do povo Tzotzil, e pôde, a partir dessa vivência, escapar da visão pré-concebida de preconceitos de raça e de classe e levar para a sua escrita não só personagens distintos, pertencentes a diferentes grupos sociais, como também marcar a individualidade e a especificidade de cada um. Utilizando, ainda, suas obras para denunciar a exploração vivida pelos indígenas mexicanos daquele período.

Ao retratar a dos povos indígenas, como o chamula e o tzotzil, Castellanos retratou a sua própria dor. Ela via semelhanças diretas entre a opressão vivida por índios e a opressão vivida por mulheres. Entendia que ambos eram vistos como iguais perante a lei, porém essa tal igualdade não passava do papel, uma igualdade “*legal pero no real*”.

Em 1964 escreve seu segundo livro de contos, *Los Convidados de Agosto*, onde narra a decadência da classe média provinciana, e em 1971 o terceiro e último livro do gênero, intitulado *Álbum de Familia*, que retrata a vida cotidiana na Cidade do México. Durante todo o período não deixou de escrever suas poesias, que foram reunidas sob o título de *Poesía no Eres Tú*, lançado, também, no ano de 1972. Assim como escreveu, concomitantemente, diversos artigos para jornais (de acordo com Elena Urrutia, somam-se mais de 500)¹⁴ e publicou ensaios: *La Novela Mexicana y su Valor Testimonial* (1966), *Juicios Sumarios* (1966) e *Mujer que Sabe Latín...* (1973).

Sua obra é extensa e revisada até os dias atuais, o que ocasionou publicações póstumas como *El Uso de la Palabra*, *El Mar y sus Pescaditos*, (ambos de 1975) e *Rito de Iniciación* que em 1997 foi encontrado em meio aos papéis deixados por Castellanos e que estavam sendo revistos por seus editores a fim de ser lançado suas Obras Completas.

Durante sua vida, Rosario Castellanos além de escrever, deu aulas em universidades, como a Universidade de Madrid, onde lecionou no período de 1950 e 1951, sobre estética e estilística, e a Universidade Nacional Autônoma do México. No regresso da Espanha, em 1952, trabalhou como promotora de cultura no Instituto de Ciencias y Artes de Chiapas, em Tuxtla Gutiérrez. Entre 1956 e 1957, esteve no Centro Coordinador do Instituto Indigenista de San Cristobal de las Casas. Entre os anos de 1961 e 1971, esteve à frente das cátedras de literatura comparada, de novela contemporânea e seminário de crítica na faculdade de filosofia e letras da UNAM, com exceção dos anos de 1966 e 1967 quando, a convite da Universidade de Wisconsin e Bloomington, foi aos Estados

¹³ Aurora Ocampo, 2004, p.18

¹⁴ Elena Urrutia, 2005.

Unidos dar aulas como professora convidada.

Em 1971, Rosario Castellanos foi nomeada embaixadora do México em Israel, no período lecionou, também, na Universidade Hebraica de Jerusalém, falecendo poucos anos depois, em 1975, após receber uma descarga elétrica num acidente doméstico.

Tanto em sua carreira e escrita, quanto em sua vida, Castellanos buscou por um outro modo de ser, rebelando-se contra as imposições sociais e transformando seu ofício em esperança.

*No, no es la solución
tirarse bajo um tren como la Ana de Tolstoy
ni apurar el arsénico de Madame Bovary
ni aguardar em los paramos de Avila la visita
del ángel com venablo
antes de liarse el manto a la cabeza
y comenzar a actuar.*

*Ni concluir las leyes geométricas, contando
las vigas de la celda de castigo
como lo hizo Sor Juana. No es la solución
escribir, mientras llegan las visitas,
em la sala de estar de la familia Austen
ni encerrarse em el ático
de alguna residência de la Nueva Inglaterra
y soñar, com la Biblia de los Dickinson,
debajo de uma Almohada de soltera.*

Debe haber outro modo...

Outro modo de ser humano y libre.

Outro modo de ser.¹⁵

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Poética e tópicos I, II, III e IV**. 1ª Edição. São Paulo: Saraiva.

BHARTES, Roland. **Aula**. 16ª reimpressão da 1ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **O Anjo da História**. 2ª Edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.

¹⁵ Rosario Castellanos, 1972, p.326

BETHELL, Leslie. (org.). **História da América Latina vol. IX: A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas.** 1ª Edição. São Paulo: Edusp, 2015.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade.** 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **O que é história cultura?** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

CAMÍN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. **Á sombra da revolução mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989.** 1ª Edição. São Paulo: Edusp, 2000.

CASTELLANOS, Rosario. **Balún-Canán.** 6ª Reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

_____. **Mujer que sabe latín... 2ª Edição. México: Sepsetentas, 1973.**

_____. **Poesía no eres tú. 4ª Edição. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.**

_____. *Virginia Woolf o la literatura como ejercicio de la libertad.* **Revista de la Universidad de México.** México: p. 5-8, agosto de 1961.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** 2ª Edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

CÓRDOVA, Arnaldo. **La ideología de la revolución mexicana.** México, Era, 1972.

DE SILVA, Rafael Pavani. **A Revolução Mexicana e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940).** Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/278667>>

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HAROUN, Aly. IBRAHIM, Magda. **La Mujer Mexicana em los Ensayos de Rosario Castellanos.** Universidade de Ain Shams. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/36243/1/06-Ibrahim_Aly.pdf>

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 7ª Edição. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

MILLER, Beth. **Uma consciência feminista: Rosário Castellanos.** 1ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

_____. *Voz y imagen en la obra de Rosario Castellanos.* **Revista de la Universidad de México.** México: p. 4-5, dezembro de 1975.

OCAMPO, Aurora M. *Treinta años sin Rosario Castellanos (1925-1974).* **Revista de la Universidad de México.** México: p. 17-20, agosto de 2004.

PAGE, Helena Días. *La metáfora en Balún-Canán*. **Revista de la Universidade de México**. México: p. 93-94, março de 2010.

PARADA, Maurício. (org.). **Os historiadores clássicos da história**. Vol.3. 1ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, Editora PUC Rio, 2014.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 13ª Edição. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2012.

URRUTIA, Elena. **Rosario Castellanos: despertar de la conciencia feminista**. Revista de la Universidade de México. México: p. 75-79, junho de 2005.